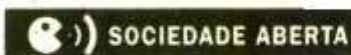


O tal legado da Rio 2016



Marcelo Neri
ECONOMISTA

Os portugueses quando chegaram ao Rio de Janeiro, em janeiro por suposto, enxergaram a Baía de Guanabara como o estuário de rio, dando o nome de Rio de Janeiro. A não ser por este engano à altura da melhor anedota de português: a Bahia de Janeiro deveria ser aqui. A Baía de Todos os Santos inspirou Bahia, os grandes rios ao sul e ao norte do Brasil deram nome aos respectivos estados do Rio Grande. Aqui o engano inicial foi eternizado no nosso belo nome.

Infelizmente, este engano não foi só na nascente do Rio mas segue

curso acima: o Programa de Despoluição da Baía de Guanabara (PDBG), financiado pelo Banco Japonês de Desenvolvimento, nosso concorrente olímpico. Além de dinheiro, havia a mobilização popular herdada da Rio 92, propulsionada pela criação do Viva Rio, etc. Como a pesquisa que realizamos em parceria com o Instituto Trata Brasil, a ONG, cujo lema é saneamento é saúde, entupiu a expansão da rede geral de esgoto no Rio. Neste ínterim, o Baía Azul, um similar do PDBG financiado pelo BID dobrou o acesso a saneamento básico em Salvador entre 1998 e 2002. Se tivéssemos que creditar uma medalha de maior avanço nos últimos anos deveria ser endereçado à capital baiana, enquanto o Rio com o seu PDBG ficou a ver esgoto em torno dos 70,7%. Em 2007, a Cidade Ma-

Muita coisa pode acontecer num ciclo olímpico, quanto mais em sete anos

ravilhosa recuperou parte do atraso criado nos últimos anos chegando a 84,2%. Entre as cidades selecionadas para a Copa do Mundo de 2014, a liderança do acesso a ranking de acesso a esgoto é ocupada por Belo Horizonte, com 97,4% de acesso, São Paulo (89,5%) seguido de perto por Salvador (89%). No *podium* negativo da falta de esgoto entre as sedes do Mundial quem está na frente é o município de Natal, com 21,4% de domicílios conectados à rede de esgoto. Estes exem-

plos simples associados ao saneamento (vide www.fgv.br/cps/trata4) nos deixa como exemplo algumas lições do que fazer e o que não fazer. I) O exemplo carioca progresso demonstra que se recursos e mobilização são precisos, boa gestão também o são. Se queremos oferecer jogos olímpicos dignos de uma Cidade Maravilhosa temos que de fato despoluir a Baía de Guanabara, aonde as provas de vela ocorrerão. II) O exemplo de Salvador demonstra que com planejamento muita coisa pode acontecer num ciclo olímpico, quanto mais em 7 anos.

Olhando para o futuro, o desafio olímpico se colocaria como relevante incentivo para o Brasil e a cidade do Rio de Janeiro focarem na consecução de melhoras palpáveis e permanentes na qualidade de vida de sua população, o tal

legado da olimpíada. O carioca adora metas. Pesquisa do Centro de Políticas Sociais lançada analisou o desempenho econômico e social dos 27 municípios das capitais brasileiras. Analisamos o desempenho destes indicadores sociais entre as quatro últimas Olimpíadas. Mais do que uma curiosidade esportiva-social há exata sobreposição destes ciclos olímpicos com mandatos de prefeitos. O objetivo é dar transparência sobre a evolução destes indicadores, responsabilizando gestores municipais pelo desempenho social progresso. Mais do que rota fixa, o site www.fgv.br/cps/2016 é um instrumento de navegação, permitindo comparar a performance das nossas capitais.

Marcelo Neri é economista chefe do Centro de Políticas Sociais (CPS) da Fundação Getúlio Vargas (FGV)